

Carole e Carlos Ghosn

Juntos, sempre

Tradução de
Alberto Flaksman e Ana Luiza Baesso



*Para Greta, Arfan, Daniel, Anthony e Tara.
Para Zetta, Caroline, Nadine, Maya e Anthony.*

*Sem eles, esse momento em nossa vida poderia ter sido ainda
mais áspero.*

*Nós lhes dedicamos esta narrativa, assim como aos nossos
futuros netos.*

Temos de arrancar a alegria dos dias que passam.

MAIAKÓVSKI

Prólogo

Em 19 de novembro de 2018, fui preso ao descer do avião no aeroporto de Tóquio, devido a uma denúncia da sociedade Nissan, da qual eu era o presidente do conselho de administração, depois de ter sido presidente e diretor-geral durante dezessete anos.

Naquela mesma noite fui levado à prisão sem que pudesse dizer algo nem prevenir alguém, e por 130 dias fiquei sob custódia do centro de detenção de Kosuge, um dos mais severos do Japão, com uma interrupção de um mês em março de 2019, quando fui liberado ao pagar uma fiança e depois condenado à prisão domiciliar em Tóquio, sem nunca saber qual seria a data do meu processo.

Durante a maior parte de 2019, com exceção de duas videoconferências nas quais os temas das nossas conversas eram limitados e a entrevista era monitorada, fui proibido de ver, conversar ou me corresponder com Carole, minha esposa.

Essa separação, que parecia não ter fim, foi uma tortura para nós dois, principalmente porque as razões alegadas pelos juízes japoneses para mantê-la eram mais parecidas com retaliações do que com precauções reais ligadas à investigação.

Durante oito meses, fizemos inúmeros pedidos para que pudéssemos nos ver, mas foram recusados diante de uma incompreensão total e uma surpresa do juiz, que não compreendia quanto um marido e sua esposa sofrem quando separados!

Este livro conta a história desse afastamento imposto, a tempestade que atravessamos estando longe um do outro durante quase um ano. É a

narrativa da minha resistência contra a injustiça e da luta de Carole, que não parou de alertar a mídia sobre o funcionamento do sistema penal japonês, um escândalo humano que muitos desconhecem.

Até que não aguentei mais... Porém, não como os procuradores japoneses esperavam. Decidi reencontrar a mulher que amo.

Contra tudo e contra todos.

Carlos Ghosn

*image
not
available*

acontecimentos da semana, refletir sobre as intervenções que deveria fazer nessas reuniões. As horas passadas no avião são para mim um tempo de preparação para os próximos dias. Cada dia da semana é revisado e, para cada reunião, penso na mensagem principal que quero transmitir, nos objetivos a atingir.

Estou voltando de três dias passados em Beirute com minha esposa, Carole, e alguns amigos. Um fim de semana prolongado, durante o qual pude lhes dedicar um pouco mais de tempo. Mas quase nem penso mais nisso. De modo geral, sou uma pessoa que repensa pouco aquilo que já passou, só o futuro me interessa. E a semana que começa deve me trazer uma alegria particular: Maya, a caçula das minhas três filhas, virá de São Francisco me visitar, junto com seu companheiro. Não a vejo há muito tempo e me alegro ao pensar na visita. Combinamos de nos encontrar à noite no meu apartamento e depois sairmos os três para jantar. A promessa de uma bela noite...

Essa é também a razão pela qual planejei no avião toda a minha semana. Quero receber minha filha sem preocupações. Desde que eram crianças, sempre dei um jeito de passar um tempo com minhas filhas. É verdade que eu não estava muito em casa quando elas eram menores, mas ficava inteiramente à disposição delas ao reencontrá-las. Com o celular e o iPad desligados. Não quero que me vejam como chefe de duas multinacionais, mas como um pai igual aos outros, pronto a escutá-las, nos bons e maus momentos da vida.

São quase dezesseis horas. O jato aterrissa e desliza sobre a pista do aeroporto internacional de Tóquio.

Depois de treze horas dentro de um avião, ninguém chega ao destino apresentável e elegante. Mesmo tendo feito esse percurso centenas de vezes, estou um pouco grogue. De modo geral, o funcionário da alfândega olha discretamente o meu passaporte, carimba e me deixa seguir. Mas hoje foi diferente. Ele faz uma cara de surpresa e me pede

que espere um pouco. Não falo japonês, mas compreendi seus gestos. Ele se levanta com meu passaporte na mão e desaparece em um corredor um pouco mais afastado.

É estranho. Na maioria das vezes, os funcionários me reconhecem e me cumprimentam com um gesto delicado, inclinando a cabeça. Hoje, nada. Digo para mim mesmo que o rapaz deve ser recém-contratado. Não fico preocupado. Só penso em não ter que esperar muito.

O homem volta, finge estar olhando algo no computador e depois, com um gesto de mão, me convida a segui-lo no corredor. Eu aceito, um pouco aborrecido com essa perda de tempo. Ele abre uma porta e me espera entrar. Na sala, três homens parecem estar me esperando. Um deles está sentado na cadeira diante de uma mesa.

— Sr. Ghosn, temos um problema com o seu passaporte — avisa o homem sentado. — Vou pedir a alguém que lhe explique.

Nesse momento, um homem baixo, magro e grisalho vem para perto de mim. Ele diz se chamar Yoshitaka Seki e trabalhar na procuradoria de Tóquio.

— Temos algumas perguntas a fazer ao senhor...

— Ah, é? Mas... vai demorar?

— Sim, talvez demore um pouco.

Não sei o que desejam comigo, mas não quero me atrasar para o meu encontro com Maya.

— Minha filha está me esperando para jantar. Tenho que avisá-la, senão ela vai ficar preocupada — digo, já pegando o celular.

Mas Seki interrompe meu gesto.

— Não! A partir de agora o senhor não pode mais usar seu telefone! Aliás, peço ao senhor que o entregue...

É o primeiro choque. Que história é essa? O que eles querem comigo? O tal Seki não me dá tempo de pensar.

— Queira nos acompanhar. E não se preocupe com a sua bagagem,

vamos levá-la conosco.

Na mesma hora, três homens me cercam e me fazem sair por uma outra porta da sala. Alguém pegou minhas malas e vem atrás de nós. Entramos em um elevador e andamos por alguns corredores. Estou assustado, não entendo o que está acontecendo e ninguém me explica nada. Seki é o único que fala inglês, mas permanece calado. Quando pergunto aonde estão me levando, ele responde secamente:

— O senhor verá...

Em seguida, seu rosto fica impassível e ele volta a se calar.

No fim de um longo corredor, entro em uma pequena van com cortinas nas janelas, o que me impede ver o lado de fora. Eu me sento lá dentro, cercado por duas pessoas. Um motorista se senta no banco da frente, seguido por Seki, no banco do carona. A van parte.

Quando o veículo para, um pouco mais tarde, sou obrigado a descer. Estou em algum lugar parecido com uma garagem, sem qualquer pista sobre onde estamos. Entramos em outro elevador e, de novo, passamos por uma série de corredores vazios. Se alguém aparece no caminho, recebe a ordem de dar meia-volta. Parece que ninguém deve me ver. Como se quisessem produzir um vácuo ao meu redor, me isolando de tudo.

Então, me conduzem até um escritório, onde fazem eu me sentar. Seki me informa a razão de estarmos naquele local que parecia uma prisão. Foi feita uma denúncia contra mim, explica ele, sobre imposto de renda não declarado. Suas palavras exatas são “falta de informações financeiras”.

Minha estupefação se soma à surpresa e à brutalidade do tratamento. O que estão dizendo? Não entendo essa acusação. E me preocupo com minha filha. Ela deve estar se perguntando o que terá acontecido comigo. Sem dúvida, já deve ter tentado me ligar muitas vezes...

Como nunca tive nenhuma relação com a justiça japonesa, não sei

*image
not
available*

retomasse o ritmo frenético de seu trabalho.

Ele viaja muito, um dia aqui, dois dias em outro lugar; de manhã está em um país, à noite, em outro, com uma energia que sempre me fascinou. Em sua agenda, cada país tem uma cor diferente e os compromissos são marcados com um ano de antecedência. Ele acorda às cinco da manhã, dorme pouco e trabalha a maior parte do tempo. Mas, sejam quais forem seus problemas, suas preocupações, ele é sempre paciente com as pessoas próximas. Ao contrário de tanta gente, não contamina seu círculo íntimo com o estresse das grandes responsabilidades. Ele nunca se queixa de nada.

Como ele, adquiri o hábito de morar em vários lugares. Raramente vou ao Japão ou ao Brasil. Preferi restringir minhas viagens, que já são cansativas, aos Estados Unidos, à França e ao Líbano, onde moram minha família e meus melhores amigos. Quando meus filhos eram mais novos, todo início de semana eu ia para os Estados Unidos, onde eles foram criados e onde estudaram. Hoje, Daniel e Anthony trabalham em Nova York. Tara, a caçula, está na universidade.

Desde que começamos a nos relacionar, Carlos dá um jeito, na medida do possível, de nos vermos todo fim de semana. Vou ao encontro dele, em geral em Beirute ou Paris.

Sobrevoando Nova York, ligeiramente inquieta, volto a ligar o celular antes do pouso do avião, coisa que não costumo fazer. O avião inteiro ouve o toque. Um pouco constrangida pelos olhares dos outros passageiros, atendo imediatamente. É Daniel, meu filho mais velho.

— Mãe, não se preocupe... Vai ficar tudo bem... — diz, antes que eu possa falar qualquer coisa.

— Mas... O quê? O que houve?

— O Carlos...

Na mesma hora, imaginei o pior.

— Ele sofreu um acidente? Morreu?

*image
not
available*

inglês de “*the character assassination*”, uma campanha com o objetivo de destruir a imagem de alguém. Os procedimentos são sempre os mesmos: a exposição forçada de fatos fora de contexto, ligeiramente alterados e dos quais se eliminam todas as explicações (causas, aceitações, autorizações) e aos quais se misturam falsas acusações. É tudo manipulado e beira a populismo e demagogia.

E funciona... Até para o próprio embaixador! Percebo que, mesmo se Pic demonstra alguma simpatia e está disposto a acreditar em mim, as acusações feitas por Saikawa o perturbam. Como não nos conhecemos, ele se sente um pouco dividido.

Apesar de tudo, ele se coloca à minha disposição. Nosso tempo acaba. Antes de ir embora, ele promete voltar duas vezes por semana para me informar sobre o caso.

— Se alguém tivesse me dito que um dia eu traria laranjas para Carlos Ghosn na prisão, eu não acreditaria... — comenta, com ar sonhador.

Ele poderá, se eu quiser, transmitir mensagens à minha esposa, minha família, à Renault, ao governo francês.

— Mas — adverte — todas as mensagens enviadas ou recebidas serão controladas pela administração de Kosuge.

Volto para a cela desiludido. Durante a noite, penso no que Pic disse, na coletiva de imprensa sem dúvida planejada há muito tempo, nas pessoas que eu achava serem de confiança e que me acusam de todos os males. E Saikawa, que tinha dito, a meu respeito, que eu não era o homem responsável pela ressurreição da Nissan em 1999, “que ela havia sido realizada por todos os assalariados...”. É óbvio o papel importantíssimo que eles desempenham na empresa. Saikawa apenas omite o fato de que, antes da minha chegada, houve duas tentativas de recuperação da empresa que fracassaram de forma lamentável. Ele elogiou a direção da Nissan anterior a 1999, aquela que tinha provocado um desastre e foi a causa da necessidade das reestruturações.

*image
not
available*

confiança e em harmonia havia quase vinte anos. Eu os considerava pessoas leais...

Dois dias depois, o embaixador do Líbano veio me ver. Depois dele, João de Mendonça Lima Neto, o cônsul-geral do Brasil. Mesmo sendo diplomatas, eles são submetidos a certas regras. Não podem chegar perto de mim, me entregar cartas ou qualquer outra coisa, e devemos nos falar através de uma barreira de vidro. O uso de smartphones é proibido no interior da prisão, eles não podem gravar a minha voz nem me fotografar. Entretanto, podem me mostrar documentos e tomar nota das mensagens que envio a Carole, às minhas filhas e às minhas irmãs.

Antes que o embaixador da França tivesse me informado da traição da Nissan, a direção da prisão me recomendou contratar um advogado. Espontaneamente, pedi que chamassem o advogado da Nissan, ou que a empresa me indicasse alguém.

Na quarta-feira, quando o advogado enviado pela Nissan para me defender chegou, recusei seus serviços e ele foi embora. Ao mesmo tempo, atendendo à solicitação do embaixador Pic, a sede da Renault me propõe um grupo de três advogados: Motonari Otsuru, Go Kondo e Masato Oshikubo.

Achando que podia confiar nos conselhos da Renault, aceitei ser defendido por essa equipe, liderada por Otsuru. É provável que o encontrarei com maior frequência. Paradoxalmente, ele é o único do trio que não fala inglês.

Otsuru, conhecido como “o senhor ao quadrado”, em virtude de sua grande seriedade, foi apresentado a mim como uma pessoa brilhante. É um antigo procurador, por isso conhece bem os adversários. Em vista da minha situação e estupefação, sou obrigado a confiar nele.

A escolha da Renault seria catastrófica. Desejo acreditar que não tenha sido intencional. Mas ainda não chegamos a essa parte...

Em sua primeira visita, o embaixador da França me informou sobre a

*image
not
available*

Carlos

Os interrogatórios começaram no segundo dia.

Dois guardas me acompanham da cela até a sala, sempre trancada à chave, onde me esperam o procurador, seu assistente e um intérprete. Como mencionei anteriormente, o procurador Seki fala inglês, mas ele está sempre acompanhado de um intérprete, que só está disponível à tarde e à noite, durante os interrogatórios.

Chego a essas sessões com as mãos vazias. Não tenho o direito de anotar nada, sou proibido de ter lápis e papel. E, é claro, meus advogados não estão presentes.

Sento-me em frente a Seki e damos a partida para... quatro, cinco, seis, às vezes sete horas seguidas! Essas sessões são intermináveis, podem acabar depois das 22 horas. A atmosfera é pesada e terrivelmente incômoda. Ele colocou na sua frente grossas pastas — sem dúvida para me impressionar — de onde tira de vez em quando um documento para me mostrar as supostas provas contra mim. Ele pergunta e repete as questões de forma obsessiva, me pedindo detalhes sobre números referentes a anos atrás.

Seki, que deve ter uns quarenta anos, é magro, maçante, com traços duros e desagradáveis. Como era de esperar, é muito conservador, nacionalista e sectário. Um dia, sem que eu lhe pergunte nada, ele declarou ser a favor da pena de morte e achar lamentável que, na França, os terroristas sejam condenados a penas de prisão, em vez de balançar na ponta de uma corda. Depois dessa declaração, ele me observou durante um instante, mas, como fiquei impassível, passou à pergunta

*image
not
available*

concentração.

Em Kosuge, todos os dias são iguais, exceto quando chegam visitantes. Mas, da noite de sexta-feira até a manhã de segunda, o tempo parece se arrastar, porque não há visitas, nem reunião com advogados, nem correspondência. Nada acontece. Nos fins de semana, não saio da cela. Entretanto, podem acontecer interrogatórios “de surpresa” no sábado à noite, para reafirmar que estou à disposição do procurador.

Há alguns dias, o tom dos interrogatórios mudou. Seki fica repetindo:

— É melhor confessar, sr. Ghosn. Isso vai aliviá-lo. Se o senhor não diz nada, seremos obrigados a procurar em todos os lugares, vamos atrás de sua esposa, seus filhos, suas irmãs, e acabaremos encontrando. Sempre encontramos. Temos todo o tempo que quisermos...

Eu olho para ele, quieto, estupefato com a sua perversidade. Às vezes, sua crueldade vai ainda mais longe.

— O senhor se dá conta do que está fazendo com a sua família? Ao se recusar a reconhecer os fatos, o senhor vai tornar a vida deles impossível!

Ouçó em silêncio, para que responder? Esse tipo de chantagem que envolve minha mulher, meus filhos e minhas irmãs sempre acontece, sobretudo nas últimas sessões. O tempo é a arma preferida da polícia japonesa, que esgota os suspeitos e acaba vencendo pelo cansaço. Tendo entendido que a minha família é o meu calcanhar de Aquiles, Seki tenta me culpabilizar e quebrar minhas resistências. Mas ele não me impressiona. Ele não sabe que minha família também é a fonte da minha força.

Percebo que o procurador está em uma situação muito difícil: se eu não confesso, se não assino a confissão que tanto deseja, ele corre o risco de ficar desmoralizado, de ser acusado por ter me prendido sem razão, e isso, no Japão, não é aceitável! Portanto, ele se desespera!

Todos os interrogatórios foram gravados. Quando, mais tarde, a

*image
not
available*

ajustasse a um modelo no qual se praticam as meias-palavras, a encenação, em que os industriais não dizem o que pensam para não incomodar os políticos... Para mim, isso é impensável.

Um jornalista escreveu que nesse país eu era um patrão admirado, mas não amado. Pobre do homem só...

*image
not
available*

vão vencer. Fico desesperada.

Certa manhã, um homem me liga e se apresenta como advogado da famosa ONG Human Rights Watch. Eu já o vi uma vez e o conheço.

— Quero ajudar — diz.

Nesse período, os advogados japoneses de Carlos me orientaram expressamente a não dar nenhuma entrevista à imprensa, a ficar quieta, a esperar sem fazer nada.

— Você precisa respeitar nossa estratégia de trabalho. Se tentar qualquer coisa, se falar com jornalistas, seu marido não será solto! Essa proibição vale também para seus filhos e seus parentes.

Entendo que eles não queiram ser contornados, mas, de sua parte, os advogados da Nissan atacam Carlos em todos os sentidos: sobre seu gerenciamento da Aliança, seu estilo de vida e até seu caráter, acusando-o de todos os males. E tenho que aceitar tudo em silêncio e de cabeça baixa?

Explico a situação ao advogado de direitos humanos, que me diz que podemos enfrentar a justiça japonesa por meio de sua ONG. Decido encontrá-lo para pensarmos juntos na melhor maneira de defender meu marido sem agravar seu caso. Por sorte, nesse momento, o advogado está em Beirute.

Ele me explica que pode me colocar em contato com sua organização, mas que minha iniciativa pode ser ignorada.

— Seu marido é rico, poderoso. Não é o perfil das pessoas que costumamos ajudar...

— Mas ele está sendo acusado injustamente! — gritei. — Ele não fez nada! Tenho certeza de que, nos Estados Unidos, ainda que fosse culpado, ele não passaria nem um dia preso! E ele não é culpado, sei disso! Então, por que está sendo tratado assim?

O advogado não está surpreso. Ele conhece bem os sistemas judiciário e carcerário do Japão, cuja crueldade com outros detentos ele

*image
not
available*

que parecem não avançar nunca.

Aos sábados e domingos, ouço às vezes o som distante de um rádio ou de um televisor, interrompido por exclamações. São os vigias que acompanham a transmissão de uma partida de futebol na sala dos guardas. Essa minúscula manifestação de vida me reaquece o corpo e o espírito. Fora isso, tudo é calmo e silencioso como um cemitério, com alguma coisa pesada e surda no ar. Um antigo prisioneiro que esteve em Kosuge dizia ter a impressão de estar em um submarino. E é assim mesmo.

Ao descrever a cela, esqueci de falar do “travesseiro” que me deram para dormir. É um pequeno bloco retangular, duro como se fosse feito de madeira. Os japoneses talvez estejam acostumados com isso, mas, para um ocidental, é um verdadeiro instrumento de tortura, e os travesseiros pessoais são proibidos. Depois de algumas noites, a dor na cervical se torna insuportável. Acabei sacrificando um dos cobertores para improvisar um travesseiro mais fofo. Fico com frio, mas não tenho outra saída.

Entre dois interrogatórios e duas reuniões com os advogados ou os embaixadores, faço uma sesta. O sono é para mim um tempo de evasão, de soltura, de liberdade. É o meu momento de fuga. De quando não aguento mais as sessões desgastantes com o procurador, as acusações que se acumulam, todos os horrores que me jogam na cara ou esse horizonte que recusa a se iluminar.

Como no dia 10 de dezembro de 2018: quando meu caso começa a ser examinado, a procuradoria de Tóquio me mantém preso por fatos análogos. Ela me tem como suspeito de ter escondido das autoridades japonesas as rendas não declaradas que eu deveria ter recebido quando me aposentei, mas, dessa vez, referente ao período entre 2015 e 2017.

Uma nova acusação que prejudica seriamente o pedido de saída para o Natal feito pelos meus advogados...

*image
not
available*

De vez em quando, alguém que não conheço dá uma olhada pelo vidro por onde me servem as refeições e depois vai embora. Imagino que são assistentes da direção que verificam o meu estado de saúde. Ou então guardas que passam por lá e querem ver como está o ser extraterrestre no qual me tornei e que é assunto em toda a imprensa!

Precisei me conformar com o fato de ser permanentemente vigiado. No banheiro ou no chuveiro, o guarda não desvia o olhar de mim. Não vou dizer que me acostumei. É que quando me compreendi como objeto de um complô e vi que o objetivo era acabar com minha resistência — no interior da prisão por meio de interrogatórios longos e, no exterior, devido a uma campanha de difamação —, ela começou a crescer.

Foi necessário um mês para que minha cabeça e meu corpo se recuperassem do enorme choque emocional que foi minha prisão e da brutalidade que se seguiu. Depois disso, minha força mental assumiu o controle. Já disse que não sou um homem que olha para trás. Em vez de ficar me perguntando sobre o que eu deveria ter visto, mas não vi, na atitude da Nissan, pergunto a mim mesmo como eu poderia sair desse buraco.

Apesar da pressão à qual estou submetido, e das condições de detenção que não favorecem um pensamento sereno e uma análise mais aprofundada das coisas, meus raciocínios chegam rapidamente a algumas certezas. O que eu perco em capacidade de reflexão, ganho em força de convicção. Quando se está cercado e sob tensão emocional, como é o meu caso, raciocina-se mais com a intuição do que com a inteligência. Não apenas meu cérebro, mas todo o meu ser e as minhas ideias estão se expandindo.

De uma coisa tenho certeza: não me entregarei e confessarei aos procuradores o que não fiz. Eles acham que sou um fracote? Então vão ver!

*image
not
available*

da Renault, teve a impressão de ter sido recebido como se fosse uma criança, “o filhote” que pretende vestir uma roupa grande demais para ele. “Não me levaram a sério... Foi humilhante”, contou ele. É claro que transmitiram a ele o mesmo discurso tranquilizador de que “estamos fazendo todo o possível”, acrescentando que ele não deveria falar com a imprensa.

Anthony não disse nada, mas em 24 horas, a partir de Paris, ele constituiu uma pequena equipe composta de advogados, jornalistas e conselheiros que conhecem bem o Japão para tentar contra-atacar. Confiante em sua nova estrutura, ele voltou à sede da Renault para mostrar que não desistiria de nada e era necessário que ele participasse de todo o processo.

Nicolas Sarkozy, então presidente da França, a quem ele pediu um encontro, o recebeu e o encaminhou a Bruno Le Maire. Ao sair da audiência com o ministro da Economia e Finanças, Anthony reencontrou o presidente. E disse a ele que teve a sensação de ter sido considerado alguém... sem importância.

Os procuradores japoneses não hesitaram em divulgar para a imprensa notícias falsas sobre ele, o que semeou dúvidas sobre a sua integridade. Causou problemas em seus negócios. Os jornalistas japoneses são também muito agressivos: eles acampam diante da sua residência e do seu escritório, o fotografam sem permissão, filmam e interrogam seus empregados...

“Descobri quanto a imprensa pode ser desonesta. Eu nunca tinha imaginado que isso fosse possível. Agora, eu a leio de outra maneira”, escreve ele.

Toda essa história me entristece e preocupa muito, porque Anthony corre perigo por minha causa. Constato que os procuradores japoneses puseram em prática suas ameaças: como eu me recuso a confessar, eles atacam minha família. Apenas para me fragilizar um pouco mais.

*image
not
available*

— ... em alguns dias, vou com Anthony, e vamos passar o Natal com você. Vai ficar tudo bem, mãe, vai ficar tudo bem.

Eu digo “Sim, sim, querido...”. Agradeço, prometo ser forte. E, assim que ele desliga, a tristeza me consome.

Na madrugada do dia seguinte, um pequeno anjo entra no meu quarto e se acomoda lentamente na minha cama. É Tara, que já está em Beirute, na casa do pai dela, e vem me dar um abraço. Um agradável momento de alento...

Um pouco antes do Natal, fui com duas amigas ao norte do Líbano, à ermida de Annaya, para rezar a São Charbel, um monge eremita da Igreja maronita, canonizado por ter realizado milagres. Assim que me ajoelhei no interior do santuário, de frente para a estátua do monge, senti meu coração se esvaziar do peso da dor. Aqui é possível chorar sem se esconder. Em volta de mim, pessoas rezam com grande fervor e, no rosto delas, veem-se as marcas de uma dor infinita. Lanço longos olhares para cada uma delas. Um homem está prostrado como se seu corpo estivesse partido. Qual será sua história de vida? Por que ele está aqui? Nunca me senti tão próxima de pessoas desconhecidas e que se tornam, de imediato, meus irmãos e irmãs no sofrimento. Todos juntos: jovens e velhos, ricos e pobres, todos nós pertencentes à mesma família dos aflitos, dos desesperados.

Ainda sou proibida de entrar na casa rosa. Na primeira vez que voltei lá, os homens da Nissan me deixaram pegar algumas coisas, mas lembro que esqueci lá um par de tênis que eu adoraria usar. Pode parecer fútil, mas, quando sentimos que tudo nos abandona, prendemo-nos a qualquer coisa, inclusive um par de calçados que nos fazem sentir bem!

Então, vou para a casa, paro a alguns metros de distância, ligo para a funcionária que cuida da cozinha e da manutenção.

— Joy, por favor, você pode pegar meus tênis pretos e me entregá-los pela janela de trás? Lá não tem câmera. Jogue-os para mim, estou

*image
not
available*

viola os direitos mais elementares dos acusados, mantendo-os presos até que confessem. Os japoneses fazem regras contra o direito e ninguém se incomoda! Nesses momentos de extrema solidão, penso nos que me amam, me apoiam, nas cartas de amigos (sei que existem porque Carole me conta sobre elas), e que são um bálsamo para as minhas feridas. Como Fouad, um amigo fiel que escreve esta mensagem a Carole, pedindo que ela a transmita para mim:

Querido Carlos,

Nosso caro modelo, nosso líder de negócios número 1 e meu amigo sincero.

Você atravessa uma das fases mais difíceis da sua vida, e a mais dolorosa das vésperas do Natal, sem dúvida. Quero apenas que você saiba que não está sozinho em sua cela fria de 6 metros quadrados, mas que nós somos milhões em pensamento, estamos com você com todo nosso coração.

Não esquecerei nunca a vez em que você me disse: “O que não o mata o fortalece.”

Estamos confiantes: você superará este último desafio e se levantará mais forte muito em breve.

Nós estamos e continuaremos sempre a seu lado.

Fouad

E depois Carole, sempre, cujas cartas volto a receber nos primeiros dias do novo ano:

27 de dezembro de 2018

Meu muito querido Carlos,

Você é a vida do meu coração e me faz tanta falta que chega a doer.

Espero que esteja bem, eu me preocupo muito com você!

Espero que esteja aquecido. Soube que faz muito frio em Tóquio.